Eu tenho um olho que
quer chorar

Eu tenho uma lâmina de
barbear

Eu realmente só quero ir
pra cama

Eu tenho uma
empregada, ela é alegre
e não me obedece, de vez
em quando
Eu tenho uma gilete,
tenho medo de usar, se
ela não vier em breve

Eu realmente só quero ir
pra cama, e tomar um
analgésico que mate
minha dor, e me m

Kappa Erish

A Jornada de Sally

1- O Anjo e o Médico
2 – Kappa Erish
3 – Contos de Fadas
4 –Lógica e Proporção
5 – Habitam na Escuridão
6 – A Imprudência dos Ignorantes
7 – Minha Pequena Emoção Dolorosa

Para: aqueles que duvidaram
Para: os filhos do Cosmos
Para: os filhos da Escuridão
Para: aqueles que acreditaram
Para: meus 365 dias de escrita
Para: minha esposa Larissa
Para: minha irmã Elizabeth
Para: Apollo, Sabrina e Maitê
Para: Gabriel e Flora
Para Helen, que leu antes
Para: Segunda que não gosta de ler
Para: Editoras, que recusaram
Para: Minha pequena empresa
Para: Meus amigos que se foram
Para: Meus amigos que virão
Para: Noites em claro
Para: Noites de sono sem sonhos
Para: Amores suicidas
Para: Amores pra toda vida
Para: Malu, minha Golden
Para: Minhas músicas não ouvidas
Para: Sally, princesa da Escuridão
Para: Borboletas e prostitutas
Para: Minha cabeça sonolenta
Para: Meu olho que quer chorar
Para: Minha pequena emoção dolorosa

Eu Tenho. Uma. Cabeça Sonolenta, e Um Olho Que Quer Chorar

Estou escrevendo esse livro de algum lugar, um lugar com muitos analgésicos e empregadas. E se eu dissesse que essa história é na verdade a minha historia? Seria uma mentira, essa não é minha história. Por isso, vou contar como se eu não fosse um personagem dela, como se o fato de minha inocência ter sido corrompida não importasse, como se agora, nada mais importasse, como se as bruxas queimadas não fizessem diferença, como se eles não amasse nada, ausente de uma alma, como se Deus, fosse apenas

uma garçonete de bar em Las Vegas. Querem saber quem eu sou? Eu tenho uma cabeça sonolenta e eu tenho um olho sonolento, o outro está molhado e quer chorar, eu tenho uma empregada, ela é alegre e nem sempre joga o meu jogo, eu tenho uma lâmina de barbear e não tenho medo de usá-la se ela não vier em breve, eu sou dorminhoca e realmente quero ir para a cama e tomar um analgésico que mate minha dor, mas se você realmente quer saber, essa é a história da minha cabeça sonolenta, do meu olho que quer chorar, da minha pequena emoção dolorosa.

Sally

Eu tenho uma cabeça sonolenta

O PRÓLOGO QUE EU ME LEMBRO

Londres - 1888

Whitechapel era um pequeno distrito da cidade de Londres, o lar dos comerciantes, prostitutas e artistas de teatro, em sua maioria, a beira da falência. Naquela melancólica noite podia se ouvir gatos em cima dos telhados todos os dias do ano, e a lua cheia era sempre tão grande que parecia encostar no chão, Jason estava caminhando sentindo a chuva murmurante molhar seus cabelos vermelhos e emaranhados. Não costumava chover nessa época do ano.

Mais uma hora e a noite ia cair, Jason estava voltando à Inglaterra em um navio de carga que atracou no Tâmisa depois de muitos anos que se fora. E exclamou ao chegar em frente a maior fábrica de brinquedos da Europa.

Ah minha querida, você cresceu tão rápido. Pensou ele.

— Senhor Jason, como foi a viagem ?

Uma voz surgiu subitamente, não era familiar, Sua curiosidade o fez virar rapidamente para ver quem o chamava.

— Você é quem eu estou pensando que é ?

Jason viu um rapaz relativamente alto, seus olhos eram dourados do puro brilhante, e vestia um sobretudo amarrotado.

— Eu sou Puppeter, um simples marionetista, Slendy me mandou para te buscar, ele anseia por sua chegada, poderia me acompanhar?

— Você é o portador da luz não é ? Como vai o velho Slendy ?

— Ele ainda pensa que podemos ter todos os objetos para estabelecer a ordem, o equilíbrio ou algo assim.

— Ele ainda vê esperança, é algo que eu admiro muito. Pois bem, então vamos.

A estrada se tornava mais familiar a cada segundo, a charrete que os levava era tão bela como as que estavam em posse da rainha.

— Sr. Jason , nós chegamos. É aqui.

A charrete parou em frente a um hotel. Um cartaz estava fixado em um poste próximo. *Atenção moradores, não saíam de suas casas a noite".*

— Vamos entrar agora, aqui fora não é muito seguro.

Era um hotel enorme e luxuoso, mas não havia hóspedes, ou bêbados no bar. Onde estão os hóspedes? Jason perguntou.

— Você é o nosso hóspede Senhor. Siga o corredor e entre na primeira porta a direita, ele está a sua espera. Tenha uma boa boite.
— Disse Puppeter enquando se retirava.

Quando finalmente entrou na sala viu uma mesa redonda feita de safira, no topo um candelabro de cristais enfeitiçava todo o cômodo e castiçais de prata iluminavam as bancadas.
No centro da mesa, uma figura alta usando um terno preto e a face completamente branca se situava.
— Sabe. Todo esse luxo deve ofuscar seu rosto brilhante. - Disse Jason enquanto abria um ímpeto sorriso.
— Por dentre faces que de súbito abandona. – Falou o homem ao se levantar, parecia ter mais de dois metros de altura, usava um terno preto vitoriano e no lugar onde deveria estar seu rosto, existia apenas uma face vazia e pálida.
— A última vez que nos vimos, foi quando me casei, você usava este mesmo terno que está usando agora.
— Infelizmente não sou um rei como você. Tenho de me contentar com tudo aquilo que me é oferecido e sem mais enrolações. Estamos com problemas, eu não te chamei aqui pra ficar falando da decoração.
— O cartaz tem algo haver com isso?
— Nós sabemos quem é o assassino, mas não podemos intervir.
— Ele parece ser perigoso, um único homem é capaz de manter toda a população dentro de suas casas . Isso é oque chamamos de ditadura.
— Eu te chamei pois você possui algumas pêndencias conosco.
— Não é problema nosso se pessoas estão morrendo Slendy. Deixe que resolvam. Desde quando você se tornou o defensor da pátria? Não é nossa obrigação, nem vem com essa.
— Pedirei ao Puppeter que apronte tudo agora mesmo.
— Mesmo se ele for Jack? Mesmo se for seu irmão?
— Eu não sou tutor dele, não posso proibir ele de fazer porra nenhuma.
— Mas vai proibir, é aquilo que eu e Abel desejamos, então você irá fazer e após ter feito isso, você saberá nosso real objetivo.
— Eu vou trazer meu irmão aqui, mas eu não faço isso por nenhum de vocês, faço por Jack. Não deixarei que o matem sem necessidade.
— Então vá portador da extravagância, vá e não volte sem ele. Afinal eu sei que você sabe como achar aquele palhaço.

— Peça par o portador da luz preparar tudo, eu vou sair em vinte e cinco minutos. — Resmungou Jason enquanto saía batendo a porta.

A cada segundo se distanciavam da cidade, o trotar dos cavalos pareciam trovões em meio a tempestade e, agora o uivar dos lobos salpicavam os ouvidos.

— Finalmente chegamos meu amigo. É bem ali. — Jason apontou para uma taverna no centro da floresta.

— Tem certeza que é aqui Sr. Jason?

— Tenho sim Puppeter, até mais.

Ao entrar ele pode ver, era tão pequena e cheirava a madeira velha, mas na prateleira mais alta, bem no topo havia uma brilhante garrafa verde de absinto, tão verde quanto a fada que o mantinha.

— Garçom, uma cerveja preta por favor.

Após pedir a bebida Jason andou em direção ao breu, onde uma figura de macacão preto e branco e nariz de cone estava sentado segurando um copo de absinto.

— Posso me sentar ao seu lado?

O suposto palhaço olhava fixamente para o barman enquanto ele servia a cerveja preta.

— Quanto é a bebida? — Perguntou Jason.

—Para clientes é por conta da casa Senhor.

— A quanto tempo irmão, pensei que não veria seu rosto novamente.

— Eu queria conversar com você, irmão.

— Você encontrou seu sangue rápido, Sr.Toymaker. —Disse o barman enquanto servia a cerveja

— Eu sei Welldone, eu sei. Agora pode nos deixar a sós ?

— Eu não posso esperar para ver.

— É isso que está fazendo agora ? Brincando de sádico e matando por diversão ?

— Eu posso fazer tudo oque eu quiser, assim como todos nós podemos.

— Mas eu não faço, eu fiz coisas melhores que isso.

— Porém está aqui, bem aqui do meu lado. Por quê ?

— Temos um trabalho Jack. Mas já que não vai por vontade própria, que seja.

Jack piscou seus olhos e quando abriu os abri pôde ver o hotel,

Slendy estava logo a sua frente e andava em passos lentos e calmos.

— Esse hotel é mais antigo que eu, mas ele não estava aqui nessa cidade antes de mim. Um invasor, igual a você.

— Oque você fez idiota? Eu quero voltar agora!

— Voltar? Mas nós nem saímos, veja você mesmo.

Quando Jack olhou por uma janela podia ver a fábrica de brinquedos no centro da cidade, eram muitas janelas e cada uma delas mostrava três lugares diferentes, Nova Orleans, Cidade do Cabo e a Inglaterra Vitoriana.

— Você não tem escolha. Olhe pela janela Jack.

— Isso não é real.

— Não precisa ser real, sente-se Jack.

Slendy trouxe uma xícara de chá e uma taça de absinto e conversaram por horas, até o amanhecer.

Londres - 1940

Um homem de cabelos ruivos e longos, com manchas de terra embaixo dos olhos e cobrindo os braços, usando uma cartola e se apoiando em uma bengala desembarcava de um navio vindo de Nova Orleans. Seu irmão já o esperava no porto.

— Sabe Jack, o lado bom de estar em casa é que nós não precisamos nos disfarçar. A sensação de ser você mesmo não é gratificante?

— Nós iremos a uma reunião importante em poucas horas, você está bem para comparecer irmão ?

— Sim, estou sim. Não sou tão velhote quanto você.

— Tenho negócios para resolver agora irmão, eu te encontro no hotel.

Às vinte e duas horas no hotel, estavam Slendy, Jack, Jason e no canto da mesa eu me encontrava, usando um vestido rosa e meias listradas. Todos nós sentados em uma mesa redonda feita de safira. Em segundos iniciaram uma conversa sobre mim.

— Oque essa criança faz aqui? — Jack perguntava.

— Ela se chama Sellena, é nossa nova convidada. A mãe dela nos entregou a garota para sua própria segurança.

— E oque ela vai fazer aqui Slendy ?

— Isso nós discutiremos agora Jack . Sally é uma pessoa, uma garota muito especial. — Respondeu Jason impaciente.

— Alguém pode me explicar oque está acontecendo? — Eu perguntei já impaciente e cansada de ver eles falarem sobre mim como se eu não estivesse naquele sala.

— Pequena Sally. — Slendy andava pela sala enquanto pronunciava palavras sem sentido para os meus ouvidos. — Há muito tempo atrás, em um lugar muito distante, havia um rei, que se chamava Lámhfada, quando o coração do rei se partiu, surgiram os objetos do fim e quem possuía esses objetos eram chamados de *portadores*, seres com capacidades desconhecidas e extraordinárias, uma profecia dizia que quando os objetos se unissem seria o fim do mundo como conhecemos, mas ninguém sabe ao certo a verdade. Eventos ocorreram e objetos se separaram de seus portadores e foram lançados aos quatro cantos da terra, uma organização conhecida como "Fundação" foi criada pela família Romanov para garantir a segurança da humanidade e bem, a nossa segurança. — O alto homem de terno se sentou ao meu lado e continuou a falar. — Sua mãe te deixou aos nossos cuidados por uma razão, você saberá quando chegar o momento certo.

— E-eu...*Naquele momento minha boca não conseguia falar.*

— Eu sei que é muita coisa pra absorver Sally, mas você precisa saber o quanto antes.

— Como vocês acham que eu vou ser tão útil assim?

— Você é filha de Morgana Lá Fey de Évora. A única herdeira. Pode nos dizer oque ela falou antes de te entregar ?

— Ela me disse que coisas maiores estariam por vir, maior do que tudo.

— Você não é boba, é a portadora da inocência, mas não é boba, você sabe que sua mãe era uma bruxa, sabe que ela não era uma humana e sabe que você também não é.

— Isso é muita coisa pra mim. Eu estou ficando tonta só de ouvir.

— Se quiser pode ir descansar Sally. Eu e Slendy vamos te explicar tudo ao longo do tempo, e não se preocupe, sua mãe não lhe entregaria para pessoas desnaturadas. — Disse Jason sorrindo enquanto acariciava os cabelos da garota.

Eu tenho uma cabeça sonolenta

No dia seguinte quando acordei, Jason estava sentado na ponta da cama.

— Eu não queria te acordar Sellena. Disse ele.

— É Sally. Me chame de Sally. — Eu respondi quase caindo no sono novamente.

Eu o achei lindo desde a primeira vez que vi, tinha cabelos vermelhos como os meus, porém eram lisos e não cacheados. Jack e Slendy eram como monstros horríveis saídos de uma história de terror, mas Jason era diferente.

— Eu trouxe isso. — Jason tirou do casaco um coelho branco de pelúcia, orelhas grandes e um olho costurado com botão.

— Obrigada Jason. — *Eu o abracei e ele reagiu com um abraço mais forte ainda.*

Jason se recordava de sua conversa com Slendy na noite anterior.

— Eu cuidarei da garota Slendy, se estiver tudo bem pra você.

— De certa forma você leva mais jeito com crianças... Você vai contar pra ela?

— Do que está falando?

— Você vai dizer que o pai dela, vai dizer que a mãe dela era a sua esposa, vai dizer que é o portador da extravagância?

— Ela não precisa saber. Se ela descobrir algum dia, não fará diferença.

— Jason, não se apegue tanto, apesar de ser sua filha. Entende ?

— Jason quase deixou escorrer uma lágrima pelas manchas de terra abaixo dos olhos enquanto afirmava que sim.

— Está tudo bem? Por um momento você parou no tempo.

— Oh sim. Eu acabei me distraindo um pouco. Eu joguei fora aquele seu vestido velho e sujo e comprei um novo. Preto e vermelho combina mais com você, são as cores preferidas da sua mãe, também comprei meias novas e uma cartola, deixei em cima da penteadeira, se arrume e desça para o café. Vamos sair.

— Sair? Mas eu cheguei aqui ontem. Vamos sair para muito longe por acaso?

— Pode-se dizer que sim, como foi falado na reunião de ontem, um portador escapou. Slendy está furioso com Abel Taloran.

— Não entendo nada sinceramente, Abel quem?